

Marguerite Duras | AGATHA, 1981

TRADUÇÃO | ALEXANDRA MOREIRA DA SILVA
ENCENAÇÃO | ROSA QUIROGA
ESPAÇO E FIGURINOS | SISSA AFONSO
LUZ | NUNO MEIRA
SONOPLASTIA* | FRANCISCO LEAL

INTERPRETAÇÃO | CONSTANÇA CARVALHO HOMEM
PEDRO FRIAS

OPERAÇÃO DE SOM | PEDRO QUIROGA CARDOSO
APOIO AO MOVIMENTO | JOCLÉCIO AZEVEDO
CONSTRUÇÃO E MONTAGEM DE CENA | TUDO FAÇO
FOTOGRAFIA | ANA PEREIRA
IMAGEM GRÁFICA | SISSA AFONSO

PRODUÇÃO | ASSÉDIO

*MUSICA | CANCIÓN de MANUEL DE FALLA

SALA DE BOLSO
Rua de Miragaia, 61
Porto



SINOPSE

Uma casa à beira-mar. Um homem e uma mulher. Uma luz de inverno. É neste cenário profundamente durasiano que a viagem ao passado destas duas personagens se inicia. Ao fundo, o espectro de uma separação anunciada. O recurso à memória convoca um tempo interior repleto de silêncios, de ausências, de palavras e vozes desfeitas. Trata-se de contar a história a dois. O amor e a sua evidente impossibilidade. Contudo, o desejo suspenso, ameaçador, contraria a ambiguidade do discurso. Perdidos e simultaneamente expostos, dois corpos em ruínas seguram o passado através de múltiplos movimentos interiores e íntimos, evocam o futuro incerto, exorcizam o presente – essa perda indizível da plenitude original. Trata-se de contar a história a dois. E talvez a ausência dessa história. Como sempre, em Duras, “aparentemente, não se diz nada, a não ser o nada que existe em todas as palavras”. (Marguerite Duras)

Alexandra Moreira da Silva

assédio
Associação de Ideias Obscuras

CONTACTOS
BILHETEIRA | telef. 91 664 33 50
ASSÉDIO | Associação de Ideias Obscuras
www.assedioteatro.com.pt
assedio@assedioteatro.com.pt

Estrutura financiada por:

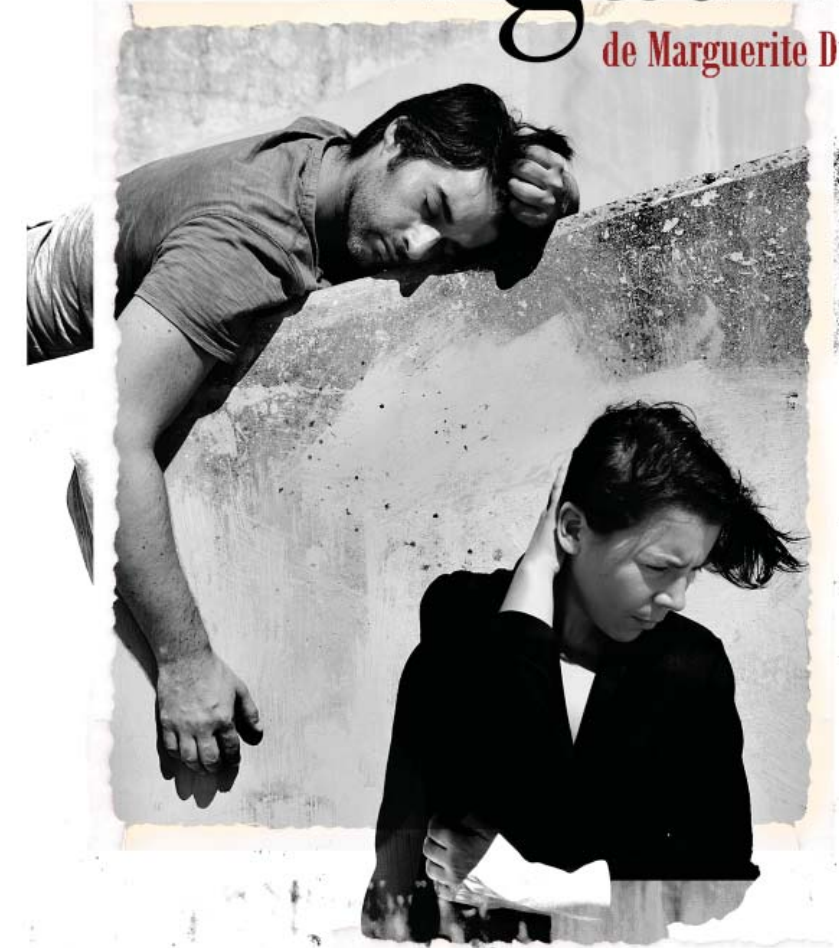


Apoio:



Agatha

de Marguerite Duras



22 de novembro a 16 de dezembro
quarta a domingo - 21h30

sala de bolso
Rua de Miragaia, 61

assédio
teatro

M12

Duração aproximada: 1h10 (sem intervalo)



AGATHA MON AMOUR

Venha amar-me.
Venha.
Vem para este papel branco.
Comigo.

Marguerite Duras, *C'est tout*

Marguerite Duras começa a escrever teatro nos anos 50, depois de ter publicado seis romances que levariam vários críticos a apresentá-la como uma das autoras do "Nouveau roman". *Le Square* foi o primeiro texto de Duras a ser levado à cena, em 1956, numa encenação de Claude Martin, no Studio des Champs-Élysées – a mesma sala onde Roger Blin viria a estreiar, no ano seguinte, *Fin de partie* de Samuel Beckett. *Le Square* começa por ser um romance, e foi a partir do romance que a autora e o encenador estabeleceram a versão cénica. Começa assim a aventura teatral de Duras, neste gesto que abre espaço ao cruzamento entre a narrativa e o diálogo dramático, confundindo-os, dilatando um, reduzindo o outro, permitindo a deriva, a errância da palavra e da forma, cobrindo o volume das palavras com insondáveis silêncios, obrigando-as a ausentarem-se por longos momentos, para depois voltarem, mais proféticas e irreversíveis do que nunca.

Seriam, no entanto, as afinidades electivas com o encenador Claude Régy, que em 1960 cria *Les Viaducs de la Seine-et-Oise* e oito anos mais tarde *L'Amante anglaise*, a marcar decisivamente aquilo que viria a ser a escrita durasiana para teatro. Duras renuncia à ideia de "peça de teatro" que tentara construir em *Les Viaducs...* e, como refere Claude Régy, "regressa ao livro" com *L'Amante anglaise*, onde "reencontra a sua liberdade", a liberdade que permite à personagem Claire Lannes ser apenas a autora do livro que pensa, delira e escreve. "Aparentemente afastado, o teatro reaparece. É a escrita. É primitivo e sem limites. É uma outra palavra", conclui Régy¹. Desde então, o teatro passou a atravessar a obra de Marguerite Duras como se um fantasma se tratasse, sem forma definida, impalpável, difícil de apreender e de materializar em palco. Não são "peças de teatro". São textos habitados pela teatralidade íntima da palavra, onde o teatro se inventa e reinventa continuamente:

ELE. – Vou gritar. Grito.
ELA. – Grite.

Todos os patamares do desejo estão ali, falados, numa ternura idêntica.

ELE. – Vou morrer.
ELA. – Morra.
ELE. – Sim.

Em 1981, Duras escreve *Agatha*, obra que esteve na origem do filme *Agatha et les lectures illimitées*, rodado em Trouville, no mesmo ano. O universo literário de Duras é, neste período, fortemente marcado pelo mito do amor impossível que opera e se consolida naquilo a que Peter Handke viria a chamar "os espaços intermediários": "Durante muito tempo, vi Marguerite Duras como mestre (...) dos espaços intermediários. Na escrita, nos filmes, ela abria e construía esses espaços entre os seres e as coisas, e novamente entre os seres"². Em *Agatha*, a impossibilidade do amor surge precisamente nestes espaços, nestas *falhas*³ onde os movimentos interiores que caracterizam este teatro íntimo alternam sucessivamente entre a palavra e o silêncio, e resultam, não raras vezes, numa *palavra silenciosa* – a única verdadeiramente capaz de dizer o desejo, o amor, o medo, a dor...

Que o olhar funcione, aqui, como prolongamento da palavra, como extensão do corpo, da pele, é não só necessário como também urgente; os olhares tocam-se, afastam-se, presentificam as recordações de um passado vivido ou inventado, interpelam um futuro indefinido, dizem o terror, o assombro da paixão. O único movimento possível parece ser, então, o do olhar. E no entanto, quando os olhos se fecham e abraçam os corpos hirtos, desfeitos pela contenção do desejo, só a palavra resta, avança e se movimenta: "As palavras são pronunciadas, abandonadas, depois retomadas, e a palavra como o mar que ouvimos lá fora, avança, depois recua, depois volta a avançar, obstinada, progredindo lentamente até ao auge do desejo"⁴.

Em Duras, a palavra é o corpo, o silêncio, a ferida aberta.

Alexandra Moreira da Silva

¹ Claude Régy, *Espaces Perdus*, Besançon, Les Solitaires Intempestifs, 1998, p. 18.

² Peter Handke, "La magie de la sorcière", *Marguerite Duras, La voix et la passion, Le Monde hors-série*, août-octobre 2012, p. 107.

³ Mathilde Ferreira Neves, *Marguerite Duras, o cinema da escrita / a escrita da voz / a voz do cinema*, Porto, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e Edições Afrontamento, no prelo.

⁴ Arnaud Rykner, *Théâtres du Nouveau Roman, Sarraute, Pinget, Duras*, Paris, José Corti, 1988, p. 190.



UM CORPO A CORPO COM O DESEJO,
SEM EXPLICAÇÕES CONCLUSIVAS

São já algumas as histórias de amor que temos feito ao longo destes catorze anos de ASSÉDIO, mas nenhuma das personagens anteriores se atreveu de forma tão despu-dorada a fazer da (re)construção desse amor a única narrativa possível, neste tempo e neste espaço a que chamamos um espectáculo. A recordação desse Verão em Agatha, lugar do início, sempre reinventado e sempre verdade, como costuma acontecer no amor.

Por uma feliz coincidência, Agatha inaugura a sala de bolso, um novo espaço em que a palavra e o silêncio podem ser partilhados com o espectador na intimidade de um teatro de camara.

Uma aposta para o futuro e para fazer mais, um sítio que desejamos de invenção e de diálogo.

Rosa Quiroga

AGRADECIMENTOS:

ACE/Teatro do Bolhão
Ana Margarida Vaz
António Durães
Ensemble
Fusellog
João Pedro Vaz
Lígia Roque
Luís Batalha
Luisa Corte-Real Correia Alves
Manuel Fernando Afonso
Manuela Ferreira
Paulo Cardoso
Paulo Freixinho
Rute Pimenta
Teatro Nacional São João